

“Você vai lembrar da fúria?” Nomeações em um acompanhamento escolar

Fernanda Cintra do Prado Pereira Bonilha

João Pedro Padula

Téo, quase seis anos, iniciou o primeiro ano do fundamental numa escola nova de grande porte bastante assustado. Já no primeiro dia de aula, ele chegou sozinho de perua. Nessa semana de adaptação, cenas disruptivas começaram a ocorrer: Téo corria errante pela escola, agredia os colegas de sala, não conseguia participar das atividades coletivas, contava cenas de filmes de terror, ameaçava cortar o pescoço com a tesoura e a se jogar pelo vão da escada. Diante dessas cenas, a equipe pedagógica, muito horrorizada, dizia que ele era inadequado e mal-educado; uma hipótese de que esse menino passava por maus tratos em casa, sendo exposto a filmes de terror, sem que isso fosse questão para os pais, foi levantada pela escola. A hipótese teve como efeito a captura de Téo, coordenadores e professores em um circuito em que ele repetidamente protagonizava cenas de horror e os adultos assistiam petrificados, pois frente a esse mal-estar a equipe pedagógica só respondia culpabilizando os pais pelo comportamento de Téo.

Uma situação que exemplifica o desencontro entre Téo e a escola, é a perplexidade com que a coordenadora e a professora observavam o casaco de Téo úmido, imaginando um descuido dos pais que confirmaria a fantasia da escola de abandono. O que de fato acontecia é que, em sua errância, Téo ia ao banheiro, brincava com água e se molhava. Outra cena perturbadora para os adultos era quando ele saía correndo da sala de aula dizendo que iria se jogar pela janela. Essas ações de Téo não eram dialetizadas ou colocadas em contexto, por si só eram lidas como signo da negligência ou de um transtorno mental. A escola não oferecia um lugar para Téo e respondia ao sofrimento dele com remediações, ora se posicionava de maneira policialesca com acusações à família, ora procurava um diagnóstico que o laudaria. Emaranhada nessas discursividades, não conseguia implicar-se na educação e nos cuidados com essa criança.

Após um primeiro encaminhamento para uma analista que sustentava um trabalho importante com a família a respeito do sofrimento de Téo, a coordenação pediu um acompanhamento terapêutico intensivo, cuja articulação ficou sob o cuidado da analista. A escola demandava um acompanhante em tempo integral, que garantisse a participação de Téo nas atividades em grupo, sua aprendizagem e que o impedisse de se agredir ou agredir os colegas. Em nossa leitura, pedia um *at* enquanto um anteparo ao mal-estar causado pelo

encontro entre a criança e a instituição (METZGER, 2017). Ao mesmo tempo em que a equipe ficava petrificada frente à fantasia de negligência, se desimplicava dos atos dessa criança.

Enquanto *ats*, respondemos ao pedido nos alternando quatro dias da semana, durante três horas, a fim de também convocar a equipe pedagógica a lidar com os impasses que apareciam no encontro com Téo. Apoiados na ética da psicanálise, desde a nossa chegada à escola, não recuamos em interrogar o sujeito do inconsciente. Como primeira intervenção, perguntamos à coordenadora: “Por que será que ele faz isso?”; “Em que momento ele faz aquilo?”, e a resposta era sempre referida à inadequação, aos supostos maus tratos da família e a um diagnóstico médico que ela buscava para nomear o mal-estar que Téo causava na escola. Que Téo teria algo a dizer sobre si e sobre o que lhe ocorria, é a primeira hipótese que norteou nosso trabalho, o que assumimos radicalmente com ele: “O que aconteceu que você saiu da sala?”; “Por que você bateu no colega?”. Como forma de fazer frente ao discurso que fixa a criança, o analista deve operar considerando a distinção entre o sintoma na criança, aquele que é identificado nela pelo outro e o sintoma da criança, ou seja, aquele sobre o qual ela pode algo dizer (FARIA, 2019). Endereçar a Téo uma interrogação foi apostar que ele poderia dizer do mal-estar para além da inadequação a qual ele era constantemente remetido.

Frente às perguntas, primeiro Téo reagiu com silêncio e estranhamento. Após algumas semanas, ele disse: “Eu saí porque a lição é muito difícil, eu não consigo fazer”; “Fui ao banheiro porque fiquei chateado com a bronca da professora”; falas validadas por nós, parceiros que se colocaram a pensar com ele em soluções para não lhe restar somente rotas de fuga e atuações. Em uma situação na aula de educação física em que Téo socou um colega e levou uma grande bronca da coordenadora, a nomeação do João: “Eu acho que o Téo fez isso porque ficou com ciúmes do professor” logo lhe serviu: “É, eu fiquei com ciúmes! Desculpa.” As nomeações apaziguavam Téo e aos poucos iam se tornando mais complexas. Numa atividade de escrita, a professora pediu que as crianças escolhessem uma palavra que dissesse sobre elas para colocar em um mural. Téo pediu ajuda à Fernanda para escrever “fúria”, o primeiro significante escrito que ele escolheu para se designar naquela turma e naquela escola.

“Estou agitado!” foi outra nomeação importante de Téo. A partir dela, os *ats* e ele se perguntavam sobre o que poderia ser feito perante a agitação e, se lançavam a construir estratégias que o acalmassem, facilitando sua inclusão no grupo e nas atividades. Desenhar e pintar foram saídas importantes. Através do desenho, sentado em sua carteira, Téo participava da roda de conversa que acontecia no chão da sala, prestava atenção no conteúdo trazido pela

professora e pelos colegas e fazia comentários. O novo desafio era sustentar junto a escola que aquele era um modo de estar, meio fora/meio dentro, distante do ideal de aluno preconizado ali, mas um modo possível para Téo. Ele passou a solicitar papéis para desenhar quando se percebia agitado, mas estes eram-lhe negados, pois no entendimento da professora, ceder seria colocá-lo em um lugar de exceção. Diante dessa restrição, em algumas situações, João recorria a pedaços de papel que encontrava na bolsa ou à sua própria mão. Emprestava o próprio corpo para que Téo fizesse “tatuagens”, como ele as chamava, e deixasse as marcas que davam a ele alguma ancoragem e continência.

Em uma de suas fugas, Téo se escondeu no banheiro. Quando João brincou dizendo “onde será que Téo foi parar?”. O menino respondeu: “Téo se jogou pela janela, quem está aqui é Rodrigo, do segundo ano, que sabe sentar na roda e se comportar, não foge da sala e não briga.” Assim, surgiu um diálogo sobre o ideal de aluno que era esperado dele, e que por vezes ele desejava realizar para poder ter um lugar. Téo se mostrava frustrado: na impossibilidade de realizar aquilo que o Outro esperava dele, ele encenava a fúria como avesso do que era idealizado. Nenhuma parcialidade cabia no desencontro entre Téo e escola.

Ficamos com a questão: “O que era tão difícil para Téo em sua escolarização?”. Passado algum tempo de trabalho, novos circuitos se montaram na relação com a escola, porém algo insistia na aquisição da escrita e da leitura. Com Téo mais em sala, notamos sua recusa em relação a qualquer atividade desse tipo. Aqui parecia se concentrar uma questão crucial em sua constituição subjetiva. Haveria uma relação entre a inibição frente a escrita e a impossibilidade de se fazer um lugar separado do Outro? Não houve tempo hábil de tratamento para que essa hipótese pudesse ser tocada, portanto a deixamos aqui para o debate.

Mesmo com Téo podendo estar de uma outra maneira na escola, a equipe pedagógica seguia reticente em abraçar as estratégias inventadas pelos *ats*. Cobrava a família quanto à inadequação, e os *ats* e a analista em relação a um laudo e um diagnóstico. Frente a essa posição, a família decidiu mudá-lo de escola antes do final do ano. Em uma nova escola, com uma possibilidade de escolarização diversa, os *ats* não mais se fizeram necessários e os pais passaram a dar algumas notícias das saídas encontradas pelo menino. Téo dizia a eles que preferia não fazer esportes coletivos, pois estes o agitavam, preferia então desenhar e fazer aula de robótica, atividades que o ajudavam a parar e a se concentrar.

Ao se despedir de Fernanda, Téo disse da tristeza por ela não ser mais sua “ajudante” (sic), mas que também não estava mais precisando de ajudantes. E então perguntou: “você vai lembrar da fúria?” (sic); nomeando na transferência, mais uma vez, o seu modo de fazer frente

ao discurso que o fixava e, também o lugar de seus “ajudantes” no período em que esteve naquela escola. Tentamos sustentar que ele fosse mais um aluno, com a singularidade dele e os impasses no encontro com a alteridade. Por trás de um discurso escolar que, ancorado na hipótese da negligência incitava a fúria, havia um menino que enfrentava impasses em sua constituição psíquica.

Referências bibliográficas

FARIA, Michele Roman. Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais. São Paulo: Toro, 2019.

METZGER, Clarissa. Clínica do acompanhamento terapêutico e psicanálise. São Paulo: Aller, 2017.